

## IDÉIAS

Os amigos do prof. Jubileu de Almeida têm instado com ele para que lance um manifesto, agora que parece conformado em ser candidato à senatura, expõe a Nação suas idéias. O professor responde com bonhomia que não tem idéias.

"Sou um homem já velho — diz ele — e tenho umas lembranças, umas impressões — e naturalmente um jeito de ver as coisas. Há pessoas que me admiram porque eu conheço o latim e o grego; e como sei essas línguas que elas não sabem, acham que eu devo ter idéias. Na verdade, o latim e o grego me serviram para ler coisas que me ensinaram apenas a ser humilde diante da vida, e dar às idéias um valor relativo. As idéias devem ser apenas instrumentos de trabalho. As pessoas mais perigosas são as que têm uma só idéia e procuram ajetar o mundo para caber dentro dela. Um machado é bom para derrubar uma árvore, mas não para serrar tábuas. Certos teóricos não dispensam seu machado nem para fazer ponta no lapis. Governar é tanto uma questão de técnica como de sensibilidade".

E depois de uma pausa:

"Confesso, por exemplo, que sinto um certo mal-estar quando vejo nos jornais fotografias de pobres bicheiros presos pela polícia. Desde menino vejo essas fotografias... Elas me confrangem. Esses homens são heróis modestos de nosso "folk-lore"; sem eles Vila Isabel não seria a mesma Vila, e o Rio seria menos carioca. Está claro que os "big shots" são desagradáveis; mas também são dispensáveis. O jogo do bicho poderia ser normalizado, e sua direção entregue à Federação dos Escoteiros; eu creio na juventude e em seu instinto de honestidade. Os lucros não seriam entregues à Legião Brasileira de Assistência, mas ao pequeno lavrador, esse homem do mister gravoso..."

Dizem os amigos do prof. Jubileu que é difícil saber quando ele está falando sério. Sobre os acontecimentos de Caxias teve esta frase surpreendente:

"Eles todos, de um lado e outro, me parecem de certo modo "gangsters" incompetentes... O espetáculo é triste. O remédio seria incorporar Caxias ao Distrito Federal. Daríamos em troca, ao Estado do Rio, a ilha de Paquetá. Poderia ser um município. O sr. Tenório daria um bom prefeito de Paquetá. Ele tem tanto de ridículo como de lírico. Pensem nêle de "maillot" e pelerine negra forrada de encarnado a passear de bicicleta. Seria uma grande atração turística".

Calmamente e tolerante de seu natural, o prof. Jubileu irrita-se com facilidade quando alguém manifesta junto a ele preconceitos de raça ou de credo. Contou-me um seu amigo que na casa do professor, em Vila Isabel, a conversa girava, certa noite, sobre os srs. Luzardo e Getúlio Vargas. A certa altura um dos presentes disse: "querem saber de uma coisa? Esses gaúchos são todos uns..." e usou uma expressão forte.

O professor, que sorria da conversa sem dela participar, fechou a cara, e disse com severidade: "Não diga isso. Somos um povo fraco; mal começamos a ser uma Nação. Precisamos de compreensão e tolerância mútua. Nesta casa o senhor tenha a bondade de, nem por pilhéria, fazer discriminação entre brasileiros, por motivo de raça, crença ou região. Todos os brasileiros têm, em princípio, direito ao mesmo respeito".

E elevando a voz, com energia:  
— "Até mesmo esses gaúchos!"

R. B.